



A DISCURSIVIZAÇÃO DO ANTAGONISMO E O DISCURSO DO MEDO EM DONALD TRUMP: EFEITOS DE SUBJETIVAÇÃO E PARRESIA

Antonio Genário Pinheiro dos Santos¹

A constituição da verdade na política tem, nos dias de hoje, sinalizado para o declive ético-moral das relações que se edificam não só no plano deliberativo da instituição governamental, mas, sobretudo, na cotidianidade da vida do sujeito social. Ao evidenciar as marcas de uma subjetividade em sua constituição, a verdade se apresenta, nessa conjuntura, como objeto ligado ao antagonismo e como produção discursiva atrelada à elaboradas estratégias de condução do dizer e da visibilidade.

No cerne da proficuidade da leitura discursiva, buscamos neste estudo considerar a discursividade e o efeito de evidência mobilizados quando da ocasião do pleito político-eleitoral norte-americano de 2016, para discutir a operação de efeitos de subjetivação e de parresia nele materializados. Trata-se de se problematizar a discursivização do antagonismo a partir dos efeitos de sentido oportunizados quando da visibilidade midiática atribuída às afirmações do então candidato republicano Donald Trump.

Tais afirmações, que circularam em diferentes veículos midiáticos, transvestidas em matéria fundante de promessas de campanha e fomentadoras de um projeto de governo, foram trazidas no escopo dos efeitos de ruptura e ameaça de uma liderança político-governamental. Liderança essa discutida internacionalmente como sendo de aventura e marcada pela tendenciosidade extremista e pelo envolvimento empírico-partidário do agora presidente norte-americano. Assim, voltando-nos para o alarde e para a disseminação de um discurso de medo pela comunidade política internacional, exploramos o espaço de discursividade no qual nos deparamos com redes de memória atreladas, por sua vez, a sentidos de violência, de supremacia e de superioridade do político face às demandas de gestão governamental e de administração política na sociedade contemporânea.

Tais efeitos são aqui discutidos no tocante às repercussões e consequências de uma liderança republicana, personificada na figura do presidente Trump, em relação à posição de antagonismo e de hostilidade de seu governo frente as exigências de gestão e aos anseios de representação – econômico-financeira, política, bélica, e de diplomacia – da comunidade internacional.

Ancorada nas contribuições de Michel Pêcheux acerca do discurso e de seu acontecimento, e na articulação com os pressupostos de Michel Foucault no que tange à subjetividade, verdade e parresia, nossa proposta enfatiza o imbricamento de forças, e de relações de poder, que se efetivam no cerne da política e da história.

¹ Professor Doutor – UFRN/CERES/DLC. Docente em estágio de pós-doutoramento em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPE sob a supervisão da Prof. Dra. Evandra Grigoletto.



Nesse percurso, o gesto de leitura discursiva exige atenção às estratégias, às séries, aos mecanismos que balizam um jogo em torno da verdade, provocando um movimento de olhar não só a formulação, mas, sobretudo, a circulação e a colocação das dizibilidades midiáticas em determinadas condições de emergência do discurso. Desse modo, precisamos aqui as colocações de Michel Pêcheux ao mostrar que a relação que liga as significações de um dizer às suas condições de possibilidade, de efetividade do sentido, não é absolutamente secundária, mas, válida e inerentemente constitutiva das próprias significações (PÊCHEUX, 2011).

Procurando, então, discutir o trajeto de polemização das muitas afirmações de Donald Trump – tendo sido elas conduzidas com relação à política, à vida social do republicano, à economia e à comunidade internacional – nos ancoramos na proposta pecheutiana de se considerar a relação do dizer com seu exterior específico, atentando, dessa forma, para o papel da alteridade discursiva, do discurso relatado que, por sua vez, inscrevem, afrontam, marcam, conduzem e determinam a possibilidade do sentido ser sempre outro, mas nunca qualquer um.

Nessa direção, observamos ainda o acontecimento do discurso e os efeitos de implícitos que são veiculados na relação de interdiscursividade. Trata-se de entender a memória como expoente de uma retomada a um outro sempre possível e sempre posto em relação, a partir da qual podemos enxergar um jogo de forças, um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento discursivo.

Um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa-forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo. Mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos” (PÊCHEUX, 2010, p. 53).

Assim sendo, atentamos para esse efeito de integração do acontecimento priorizando a leitura das estratégias e das operações a partir das quais o sujeito se confronta com a verdade, debruçando-se sobre ela ao mesmo tempo em que se empenha no cuidado de si. A questão da parresia como estratégia ligada a um discurso de veridicção se apresenta, nessas condições, como exponencial, haja vista indicar os regimes – de saber e de poder – pelos quais a verdade é trabalhada, apresentada, conduzida, aceita ou, ainda, transformada em objeto de resistência.

Diante disso, temos que os processos de subjetivação, considerados na regularidade e na singularidade de sua materialização, balizam todo o trabalho de agenciamento de sentido em torno do sujeito e isso, especialmente, quando se busca confrontá-lo com a verdade, com as técnicas e com o poder que a institui. Segundo Foucault (2009, p. 12), não podendo ser concebida fora do poder ou sem poder,

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.



Após tratar da ordem do discurso, provocando sua produção como objeto de controle, de cerceamento, de validação institucional, de distribuição e organização na esteira da legitimação e do controle, Michel Foucault, nos conduz ao patamar da subjetividade, isto é, da constituição do sujeito a partir da sua coragem da verdade e, portanto, de sua inscrição parresiástica. Trazemos o conceito de parresia como operação do *franco-falar*, do *falar francamente*, e não apenas como efeito do *tudo-dizer*. Mobilizamos tal conceito entendendo-o a partir da liberdade, da abertura incutida ao sujeito para dizer o que se tem para ser dito, da forma que se quer dizer, quando se tem o desejo de dizer e segundo que elementos se crê serem necessários para tanto (FOUCAULT, 2010).

Parresia, verdade e subjetividade constituem uma relação de batimento e, ao mesmo tempo, de diálogo, pois denunciam a inscrição discursiva das coisas-a-saber, submetendo-as a condições de emergência determinadas. A parresia coloca a condução do dizer, isto é, o discurso verdadeiro, na esteira do que se apresenta como regime de veridicção, constituindo-se como produto ligado à escolha, à decisão, à atitude de quem fala. Nesse trajeto, importando-nos com os processos de subjetivação que podem ser vislumbrados no cerne da atividade política, observamos, a partir do conceito foucaultiano de parresia, uma direção para a performatividade de um sujeito – mas não do sentido – imbricado em condições sociais e históricas determinadas. Um sujeito que ocupa um lugar social e um lugar discursivo constituídos na zona do medo e do antagonismo, incutindo à ordem social comum e ao projeto de condução do bem coletivo a ação de contrariedade e a força do enfrentamento a um real, pela coragem de se dizer e apresentar a verdade.

Nos textos *A Hermenêutica do sujeito* – nas aulas de 3 de fevereiro e de 10 de março de 1982 – *O governo de si e dos outros* – nas aulas de 19 e 26 de janeiro e de 2 e 9 de fevereiro de 1983 – e *Subjetividade e verdade*, Michel Foucault problematiza a questão da parresia como espectro da ação do governo de si e dos outros, apontando para a relação de linearidade entre dizer o que se pensa e pensar o que se diz. Operação esta que apresenta o falar francamente como condição primeira para o sujeito constituir-se em relação a si mesmo. Nesse sentido, a tarefa é a de relacionar a atitude moral e o procedimento técnico inerentes à condução do discurso verdadeiro. O sujeito precisa, assim, constituir-se como sujeito de soberania sobre si mesmo e sujeito de veridicção de si para si.

Nas palavras de Foucault (2010a, p. 343), na parresia só pode haver verdade, já que:

Onde não houver verdade não há franco-falar. A parresia é a transmissão nua, por assim dizer, da própria verdade. A parresia assegura da maneira mais direta essa parádoxis, esse trânsito do discurso verdadeiro de quem já o possui para quem deve recebê-lo. Ela é o instrumento dessa transmissão que tão somente faz atuar, em toda a sua força despojada, sem ornamento, a verdade do discurso verdadeiro.

Face a tais considerações, partimos para o exercício de análise das afirmações de Donald Trump no bojo da discursividade e dos efeitos de sentidos que elas fazem operar do momento de campanha política para sucessão presidencial nos Estados Unidos da América, em 2016. Sendo elas:



Figura 1: Afirmações de Donald Trump

Eu construirei um muro – e ninguém constrói muros melhor do que eu, acreditem em mim – e eu os construirei de forma muito econômica e barata. Eu construirei um grande muro na fronteira sul e farei com que o México pague por ele [pela construção]. Gravem minhas palavras.
Donald Trump. Discurso de lançamento de campanha eleitoral, em 2015.

O conceito de aquecimento global foi criado pelos e para os chineses no sentido de tornar a produção manufatureira americana menos competitiva.
Donald Trump. Pronunciamento em rede social, em 2012.

Está muito frio lá fora, estão dizendo que se trata de uma grande geada, muito longe do normal. Então, deveríamos usar uma boa dose de aquecimento global.
Donald Trump. Pronunciamento em rede social, em 2015.

Desculpem-me os perdedores e ‘haters’, mas o meu QI é um dos mais altos — e vocês sabem disso. Por favor, não se sintam estúpidos ou inseguros, a culpa não é de vocês.
Donald Trump. Pronunciamento em rede social, em 2013.

Fonte: <https://br.sputniknews.com>

Percebemos, portanto, nas afirmações de Trump a performatividade de um sujeito atrelado à uma posição de verdade, mobilizando, de um lado, um lugar de discursividade a partir de um determinado discurso de veridicção e, de outro, o sonho do dizer sem falta que busca apagar o silêncio do não dizer (AUTHIER-REVUZ, 2014). A posição-sujeito ocupada discursivamente por Trump implica-o em um processo de subjetivação estritamente alicerçado na técnica do falar francamente. Nessas condições, podemos mencionar que as afirmações de Trump – pronunciamentos durante o período de campanha, declarações em suas redes sociais e até falas ao público em situações presenciais – são trazidas à visibilidade como elementos de antagonismo, aversão e ameaça à estabilidade da ordem social vigente, especialmente no que diz respeito aquilo que, nos dias atuais, se espera de um presidente norte-americano.

Da visibilidade explorada a partir de tais afirmações, há que se considerar, ainda, a profusão do efeito de medo e de repulsa em relação a candidatura republicana em 2016. No nosso trajeto de leitura, entendemos que tal efeito está atrelado à estratégia de categorização da figura de Trump – assim como de seu discurso e de sua liderança política – no espaço da não racionalização do comportamento. Assim, perpassada pela conotação do antagonismo, da contrariedade e, principalmente do perigo – não restrito aos americanos, mas extensivamente associado a toda comunidade global – sua conduta é discutida na égide da negatividade, já que não se pode perceber, em seu dizer, marcas de uma negociação cotidiana dos enunciados e enunciadores (AUTHIER-REVUZ, 2014).

Nosso gesto de interpretação aponta para a operação de sentido em torno do antagonismo de forças políticas e para o batimento de relações de poder. Nessas condições de emergência do discurso, encontramos a possibilidade de se problematizar a ocupação de posições-sujeito à luz dos



efeitos de parresia e de subjetividade. Tal operação nos permite discutir a discursivização do antagonismo e a constituição do discurso do medo em Donald Trump.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). [et al.]. Gestos de leitura: da história no discurso. 4 ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. 3ª ed. Tradução de Márcio A. Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade*. Tradução de Rosemary C. Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. et al (Orgs.). *Papel da memória*. Tradução de José H. Nunes. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Língua, Linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Orgs.) *Legados de Michel Pêcheux* : inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.